

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

ANÁLISE DIATÓPICA DAS DENOMINAÇÕES DE ESTRELA CADENTE REGISTRADAS NO ATLAS LINGUÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL (ALMS)

Julia Stéfane Rodrigues Tosta Valente Oliveira, Beatriz Aparecida Alencar

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14165>

Submetido em: 2025-11-16

Postado em: 2025-12-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ANÁLISE DIATÓPICA DAS DENOMINAÇÕES PARA ESTRELA CADENTE: ESTUDO COM BASE NOS DADOS DO ATLAS LINGUÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL

Beatriz Aparecida Alencar (<https://orcid.org/0000-0002-3559-6559>) –

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Julia Stéfane Rodrigues Tosta Valente Oliveira (<https://orcid.org/0009-0000-1574-6399>) – Colégio Mieza

RESUMO: Os Atlas Linguísticos compõem um conjunto de mapas que registram a diversidade linguística de uma comunidade, portanto, reconhece-se, o valor ímpar desses instrumentos na documentação de traços fonéticos, lexicais ou morfológicos de uma língua. Nesse contexto, este estudo busca discutir sobre as denominações mais produtivas atribuídas para a “estrela cadente” com base nos dados cartografados na carta QSL 00033.a do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007, p.106) com foco na variação diatópica. Para a composição deste estudo, recorre-se a metodologia do ALMS que cobre 32 pontos de inquéritos em MS, abrangendo um total de 128 informantes distribuídos em sexo masculino e feminino. Com base nessas informações, realizou-se o levantamento dos nomes mais frequentes registrados na carta, seguido de um agrupamento que serviu como base para a discussão dos dados e para a produção de figuras indicando a distribuição geográfica das ocorrências nas localidades. Como embasamento, o estudo pauta-se nos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística. Como conclusão, este trabalho identificou as respostas produtivas e por meio de agrupamentos e figuras permitiu uma melhor visualização da distribuição geográfica das ocorrências documentadas no ALMS além de possibilitar a comparabilidade dos dados com outros trabalhos dialetais.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia, Geolinguística, Mato Grosso do Sul, Fenômeno atmosférico, Estrela cadente.

Diatopic Analysis of Names for Shooting Star: A Study Based on Data from the Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul

ABSTRACT: Linguistic Atlases comprise a set of maps that record the linguistic diversity of a community, thus holding significant value for documenting phonetic, lexical, and morphological features of a language. Within this context, this study aims to discuss the most productive designations for the "shooting star" based on data from linguistic map QSL 00033.a of the *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS* (Oliveira, 2007, p. 106), focusing on diatopic variation. The methodology follows that of the ALMS, which covers 32 survey points in the state of Mato Grosso do Sul, comprising a total of 128 informants of both male and female genders. Based on this data, a survey of the most frequent names recorded on the map was conducted, followed by a grouping that served as the basis for data discussion and the creation of figures indicating the geographical distribution of occurrences across the localities. The study is grounded in the theoretical and methodological principles of Dialectology and Geolinguistics. In conclusion, this work identified the most productive responses and, through groupings and figures, provided a clearer visualization of the

geographical distribution of the occurrences documented in the ALMS, also enabling data comparability with other dialectal studies.

KEYWORDS: Dialectology, Geolinguistics, Mato Grosso do Sul, Atmospheric phenomenon, Shooting star.

Análisis diatópico de los nombres de la estrella fugaz: un estudio basado en datos del Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul

RESUMEN: Los Atlas Lingüísticos constituyen un conjunto de mapas que registran la diversidad lingüística de una comunidad, por lo que se reconoce el valor único de estas herramientas para documentar rasgos fonéticos, léxicos o morfológicos de una lengua. En este contexto, este estudio busca analizar las denominaciones más productivas atribuidas a la "estrella fugaz" a partir de los datos cartografiados en la carta QSL 00033.a del *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul - ALMS* (Oliveira, 2007, p. 106), con enfoque en la variación diatópica. Para la composición de este estudio, se recurre a la metodología del ALMS, que cubre 32 puntos de investigación en el estado de Mato Grosso do Sul, abarcando un total de 128 informantes distribuidos entre sexos masculino y femenino. A partir de esta información, se realizó un levantamiento de los nombres más frecuentes registrados en la lámina, seguido de una agrupación que sirvió como base para el análisis de los datos y para la creación de figuras que indican la distribución geográfica de las ocurrencias en las localidades. Como sustento, el estudio se basa en los principios teórico-metodológicos de la Dialectología y la Geolingüística. Como conclusión, este trabajo identificó las respuestas productivas y, mediante agrupaciones y figuras, permitió una mejor visualización de la distribución geográfica de las ocurrencias documentadas en el ALMS, además de posibilitar la comparabilidad de los datos con otros trabajos dialectales.

PALABRAS-CLAVE: Dialectología, Geolingüística, Mato Grosso do Sul, Fenómeno atmosférico, Estrella fugaz.

Introdução

O homem expressa suas ideias a partir da linguagem, cujo uso frequente acaba por motivar uma constante transformação, isso acontece porque “[...] cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (Brandão, 1991, p. 05). Nesse sentido, a língua circula e se modifica de acordo com a cultura de um povo, sofrendo adaptações e passando por um processo contínuo de mudança.

Diante da natureza mutável da língua, este trabalho tem como objetivo o estudo da língua a partir do viés dialetológico, com foco específico na análise espacial. Conforme Ferreira e Cardoso (1994) e Brandão (1991), a Dialectologia surgiu em meados do século XIX, demonstrando interesse pelo estudo das falas regionais, seja no âmbito rural ou urbano, registrando as particularidades de uma língua falada num determinado espaço geográfico, sob a perspectiva diatópica.

De acordo com Santos (2019), a Dialectologia se une a Geolingüística, para melhor

registrar uma “fotografia” da língua. Na atualidade, essa abordagem emprega a observação de variáveis sociais como sexo, idade, escolaridade e religião, para analisar de que modo tais fatores contribuem para a mudança linguística em uma determinada localidade. A descrição dos dados visa comparar a distribuição espacial das variantes catalogadas, bem como verificar a contingência de ocorrências ao longo de uma determinada zona territorial. Esse procedimento é, por fim, registrado por meio da cartografia em Atlas Linguísticos.

Mediante as considerações de Cardoso (2010), neste contexto, ganham relevância os estudos centrados em atlas linguísticos, tanto os já elaborados, quanto os em andamento, os quais constituem o *corpus* primário para as análises diatópicas. Assim, os atlas linguísticos acabam por incorporar a partir dos fenômenos que registram informações de caráter historiográfico que resgatam a trajetória e os desdobramentos sobre a pesquisa dialetal no Brasil, pois fornecem, muitas vezes, o quadro de referência necessário para compreender a evolução e o estado atual da língua na área pesquisada.

Com base nesses pressupostos, este estudo traz dados do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS¹, organizado por Dercir Pedro de Oliveira (2007) como base para a análise proposta. De modo mais específico, selecionou-se os dados cartografados na carta lexical QSL 00033.a – estrela cadente (Oliveira, 2007, p. 106), que registra as denominações obtidas como resposta para a pergunta: “Nas noites estreladas, como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu?”.

Assim, o foco da análise é o exame da distribuição diatópica das denominações mais produtivas. Para essa finalidade, agrupamentos foram realizados e quadros, figuras e gráficos foram produzidos no intento de contribuir para a análise e para a visualização da distribuição dos dados. Na produção dessas figuras, utilizaremos o software SGVclin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). De posse dessas informações e de uma distribuição geográfica mais detalhada dos dados, busca-se ainda comparar as denominações registradas no ALMS com outros trabalhos dialetais realizados em Mato Grosso do Sul. Como referencial teórico, o estudo utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística, tendo como base autores como Ferreira e Cardoso (1994), Coseriu (1982), Cardoso (2010) e Romano (2014).

Quanto à organização do texto, iniciaremos com uma breve fundamentação teórica, seguida pela exposição do atlas selecionado e dos processos metodológicos utilizados para a

¹ O estudo foi feito com base nos dados de um atlas linguístico publicado em 2007. Na publicação não constam informações relativas a aprovação do Comitê de Ética.

elaboração do ALMS. Na sequência, passamos para a distribuição espacial das denominações acompanhada de uma breve descrição e a análise dos dados registrados e, por fim, passaremos para as considerações sobre o estudo.

Fundamentação teórica

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), ao tratarmos do surgimento da Dialectologia é necessário recorrer aos conceitos de *língua* e *dialeto*. Para as autoras, a *língua* se trata de um sistema de sinais acústicos-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade, sendo esse resultado de um processo histórico, evolutivo, compreendida como *sistema* e considerada como uma abstração, uma vez que como substância, concretizada nos atos de fala, ela já parece diversificada. Posto isto, as pesquisadoras afirmam que:

Considerando tais aspectos, é possível analisar que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, tem características linguísticas diversificadas e caso pertençam a uma mesma região também não falam da mesma maneira, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 12).

A partir dessa concepção, considera-se como dialeto a variação de formas e expressões linguísticas, e que a diferença entre língua e dialeto é de status histórico. Desse modo, Coseriu (1982, p. 11-12) “descreve que há uma diferença histórica entre dialeto e língua enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma)”. Com base nessas perspectivas, as variações que ocorrem no dia-a-dia em um determinado grupo social podem suceder nos âmbitos fonéticos, morfológicos ou lexicais. Assim, o autor ainda reforça que os dialetos geográficos² podem, no curso da história, transformar-se em novas línguas autônomas.

Partindo desse entendimento, a Dialectologia tem como centro de interesse estudar as falas e tratar tanto suas variedades regionais quanto sociais, seja a partir do eixo horizontal ou vertical³.

Ao pensarmos na distribuição espacial, foco deste estudo, a Dialectologia em muito se beneficiou do método da Geolinguística que torna-se essencial para os mapeamentos

² Segundo Coseriu (1982, p. 11-12) “[...] A denominação dialeto não é só pertinente às variações diatópicas, logo também há dialetos sociais, e por analogia, dialetos estilísticos”.

³ Neste sentido, Ferreira e Cardoso (1994), reporta-se a Garcia de Diego, dialectólogo espanhol, relatando que desde 1923 a língua se estabeleceu não só como um complexo mosaico de dialetos regionais, mas também como uma superposição de dialetos sociais.

linguísticos. Em vista disto, a Geolinguística “no se considera una ciencia en sí, sino un método dialectológico que aparece a fines del XIX, en un entorno muy interesado ya de antiguo por las hablas vivas, para estudiar la lengua hablada desde este nuevo enfoque⁴” (Mouton, 2009, p.63). Para as pesquisadoras Ferreira e Cardoso (1994), a Geolinguística tem o intuito de

[...] identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica através de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 19).

Em suma, a Geolinguística é um método que propõe registros em mapas espaciais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, léxicas e gramaticais), comprovadas em pontos de um território determinado e, considerando também, a distribuição das formas de um espaço geográfico que estejam correspondentes a língua e aos dialetos estudados. Neste sentido, o atlas linguístico é um produto de valor documental no registro desses dados de fala, pois “[...] Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada: nelas podemos observar, sincronicamente, todas as maneiras de dizer, pronunciar, construir frases, enfim, todos os meios de expressão de que dispõe o grupo humano estudado” (Silva Neto, 1957, p. 37).

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), os atlas são produzidos com base em um tripé metodológico composto pela rede de pontos, perfil do informante e questionário linguístico. Em relação ao primeiro item elencado, Cardoso (2010) alerta que a constituição de uma rede de pontos de inquérito exige a ponderação de múltiplos fatores. É necessário avaliar a situação geográfica e demográfica da área de estudo, o contexto histórico, as interferências de natureza social e econômica, o tipo de povoamento, a relação com outras localidades a serem investigadas. Em síntese, torna-se imprescindível considerar as características que delimitam e distinguem a região estudada das demais. Brandão ainda acrescenta que “a seleção das localidades em que se realiza a recolha de dados baseia-se, em geral, na relação entre a extensão territorial e a população da área em estudo” (Brandão, 1991, p. 27).

Quanto ao segundo ponto, à seleção de informantes, o dialetólogo deve buscar um colaborador na comunidade que esteja alinhado com os propósitos do estudo, levando em conta elementos socioculturais, espontaneidade, profissão, crenças religiosas e outros fatores

⁴ “não se considera uma ciência em si, senão um método dialectológico que aparece no final do século XIX, em um ambiente muito interessado desde antigamente pelas falas vivas, para estudar a língua falada a partir deste novo enfoque (Mouton, 2009, p. 63) (TN).

relevantes para a condução da sondagem. No que se refere ao instrumento de coleta de dados, terceiro item mencionado, este é utilizado por meio da anotação de diálogos espontâneos, aplicação de questionários e exige máxima vigilância do inquiridor, pois é necessário atentar-se “[...] a particularidade regionais, denominações rurais, nomes referentes à designação de produtos da área, entre outros” (Cardoso, 2010, p. 95).

Ainda em Cardoso (2010), verifica-se que os atlas apresentam vantagens de clareza imediata dos fenômenos e garantias de unidade técnica, de homogeneidade do material e densidade dos pontos estudados que não podem reunir as simples investigações específicas. E, sobretudo, não apresenta fatos isolados, em um só falar, mas sim em um conjunto de discursos em que se articula um dialeto ou uma língua, oferecendo para cada fenômeno uma visão espacial simultânea que permite importantes induções de ordem histórica, geral e comparativa.

Com base nessas considerações, trazemos sucintamente o histórico de alguns atlas produzidos no Brasil, iniciando com a feitura do primeiro atlas em nosso país, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, publicado por Nelson Rossi no ano de 1963⁵.

A partir da publicação do APFB, a produção desses trabalhos dialetais foi se intensificando no decorrer da segunda metade do século passado até a atualidade. Elencaremos algumas dessas obras produzidas até o início dos anos 2000 com a indicação de suas respectivas regiões:

Nordeste: Atlas Linguístico da Paraíba – ALP (Aragão, 1984); Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (Ferreira et al, 1987) e o Atlas Linguístico de Sergipe II - ALS II (Cardoso, 2002).

Sudeste: Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (Zágari et al, 1977);

Sul: Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) e o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (Koch et al, 2002).

Sobre o ALERS, Romano (2013) destaca que esse atlas é considerado o primeiro a não se limitar ao mapeamento de um estado, já que este trabalho conta com pontos de inquérito em todos os estados da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Tendo em vista a região Centro-Oeste, foco deste estudo, o primeiro trabalho registrado foi o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul-ALMS (Oliveira, 2007). Em meio aos projetos dialetológicos desenvolvidos entre o final do século XX e início de XXI, este será o *corpus* de análise do presente artigo. Para tanto, elegeu-se a carta lexical que

⁵ Na primeira metade do século XX temos a produção de trabalhos dialetais de caráter monográfico como as obras Dialeto Caipira (Amaral, 1920), A Língua do Nordeste (Marroquim, 1934), entre outros trabalhos.

documenta as denominações obtidas para nomear o fenômeno da “estrela cadente”.

O estudo irá se fundamentar nas respostas obtidas para nomear o referente em questão, apresentando os quantitativos das denominações cartografadas e sua distribuição nas localidades investigadas. Desse modo, o tópico subsequente traz um breve histórico sobre a concepção do ALMS e descreve a metodologia do referido atlas.

Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul: gênese e metodologia

Apesar da publicação do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul ter ocorrido no início do século XXI, a ideia da elaboração do ALMS remete a década de 1990. De acordo com Nogueira e Isquerdo (2005), a inspiração surge durante os percursos dos trabalhos científicos entre “orientador e orientando”, respectivamente dos professores Pedro Caruso e Albana Xavier Nogueira, sendo o professor Dr. Pedro Caruso (UNESP-ASSIS), na época, um grande nome para a Dialectologia brasileira e grande motivador da pesquisa que culminaria no Atlas estadual. Segundo Nogueira e Isquerdo (2005, p. 235): o professor Dr. Pedro Caruso “[...] foi a figura-chave para o surgimento do projeto do ALMS, ao estimular a ampliação das pesquisas da profa. Albana Xavier Nogueira, que à época já investigava a linguagem do homem pantaneiro, ou melhor, da gente que habita os pantanais de Mato Grosso do Sul”⁶.

Conforme informado, a concretização do ALMS foi tomando forma no decorrer da década de 1990 com a inclusão de professores pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que “a convite da Professora Albana, passaram a fazer parte da equipe” (Nogueira; Isquerdo, 2005). Entre eles, citam-se: Aparecida Negri Isquerdo, Maria José de Toledo, Ana Maria Pinto Pires de Oliveira e Dercir Pedro de Oliveira.

Após a organização da equipe e início das atividades, nos idos de 1996, os trabalhos passam para a coordenação do Professor Dercir Pedro de Oliveira⁷, em colaboração com as professoras Albana Xavier Nogueira e Maria José Toledo Gomes até a sua publicação em 2007. Segundo as informações iniciais do atlas, houveram três razões de suma importância

⁶ A época para além de outros fatores, havia “o fascínio pelo modo de ser pantaneiro, pelas variações linguísticas que ocorrem nos diversos pantanais” (Nogueira; Isquerdo, 2005, p. 235).

⁷ Segundo os dados iniciais do atlas, informa-se que: “Com a aposentadoria da Professora Albana e por decisão das duas colegas, assumimos a coordenação geral do Projeto desde 1996. A partir dessa data, responsabilizamos pelo seu desenvolvimento no que diz respeito a relatórios, às primeiras reuniões em Campo Grande com colegas dos principais campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e às pesquisas de campo. A sede do Projeto fica no Câmpus de Três Lagoas, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no câmpus I, onde, com boa infra-estrutura, se localiza a já conhecida sala do Atlas, sob nossa coordenação” (Oliveira, 2007, p. 13).

que impulsionaram a sua construção e que mostraram-se significativas para a descrição da realidade de Mato Grosso do Sul. São elas: as migrações, o quantitativo de indígenas e as fronteiras internacionais (Oliveira, 2007).

Com base na ótica expressa na obra, salientamos que as migrações sucederam diante da baixa densidade populacional e da oportunidade ao acesso a terra de forma facilitada, trazendo para o estado cidadãos mineiros, paulistas e goianos, principalmente voltados para a pecuária, resultando no estabelecimento de fazendas e criações de gado. Também com o intuito de contribuir para o cultivo da terra, o estado abrigou igualmente paranaenses e gaúchos. Ademais juntaram-se migrantes oriundos do Nordeste (Pernambucano, Bahia e Alagoas) que também vieram em busca de melhores condições de vida.

O segundo apontamento indicado na obra foi constituído com base na população nativa (indígenas) que, à época, era indicada com um número superior a 50.000 pessoas. Ao buscarmos dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, confirma-se que a região Centro-Oeste é a terceira com maior concentração de indígenas do país. Dentro dessa região está localizado o estado do Mato Grosso do Sul concentrando 56% da população indígena do Centro-Oeste.

O terceiro e último ponto que o ALMS traz e que devemos dar atenção são as regiões fronteiriças que são marcadas pelo espaço e pelos habitantes com fortes influências na linguagem das regiões, visto que são frequentes as ações comerciais e culturais dos paraguaios e bolivianos, além das relações empregatícias nas fazendas dos Pantanaís.

Segundo Oliveira (2007, p. 14), esses elementos influenciam na linguagem em Mato Grosso do Sul, sendo expressa “[...] sob a forma de empréstimos (incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua), interferências (expressão da língua A, usada na língua B) e xenismos (expressão de influência de cultura estrangeira).

Ao tratarmos das questões metodológicas do ALMS, a escolha da rede de pontos considerou aspectos demográficos, históricos e sociais e as localidades foram distribuídas por cinco setores formados pelos municípios de Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados totalizando 32 localidades (Quadro 1).

Quadro 1 – Localidades que foram aplicados os inquéritos

Pontos de inquérito do ALMS	
1. Água Clara	17. Inocência
2. Amambai	18. Pantanal do Nabileque
3. Aquidauana	19. Naviraí
4. Bandeirantes	20. Pantanal da Nhecolândia
5. Bataguassu	21. Nioaque

6. Bela Vista	22. Pantanal dos Paiaguás
7. Eldorado	23. Paranaíba
8. Bonito	24. Pedro Gomes
9. Campo Grande	25. Ponta Porã
10. Camapuã	26. Porto Esperança
11. Cassilândia	27. Porto Murtinho
12. Corumbá	28. Rio Brilhante
13. Coxim	29. Rio Negro
14. Dourados	30. Rochedo
15. Fátima do Sul	31. Sete Quedas
16. Iguatemi	32. Três Lagoas.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados expressos no ALMS (Oliveira, 2007, p. 21)

Em relação ao perfil do informante, indica-se que em cada localidade foram selecionados: “[...] quatro informantes, estratificados em sexo (masculino e feminino), grau de instrução (rudimentar ou com escolaridade até 4º série do ensino fundamental) e naturalidade (nascido no município ou nele residido desde os oito anos de idade)” (Oliveira, 2007, p.10). Assim, o atlas contou com um total de 128 informantes, sendo 64 homens e 64 mulheres. A identificação dos informantes é mencionada nas cartas por meio de uma divisão formada por homens e mulheres da primeira e segunda faixa etária. Segundo as informações metodológicas do atlas, a 1ª faixa etária corresponde a idade de 18 a 48 anos e a 2ª faixa corresponde a informantes com idade entre 49 e 78 anos.

No que tange a coleta de dados, a pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas, utilizando-se do método direto e indireto, mediante questionário único com 557 perguntas, subdividido em aspectos fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos. Conforme registrado nos aspectos metodológicos da obra, os inquéritos foram gravados “in loco”, com duração de mais ou menos três horas, por acadêmicos de iniciação científica e discentes do Programa de Mestrado em Letras de Três Lagoas-MS.

De acordo com Nogueira e Isquierdo (2005), o questionário foi elaborado a partir de materiais preexistentes. Como referência para a escolha das perguntas, utilizou-se o *Questionário Lingüístico do projeto do Atlas do Estado de São Paulo* (1983); já as orientações partiram da obra *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, de Antenor Nascentes (1958, 1961). Além disso, o *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (1974) e o *Questionário do Atlas Lingüístico do Estado do Ceará* (1982) foram consultados.

Em relação à estrutura do atlas, o ALMS está composto por 207 cartas linguísticas (47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e sete morfossintáticas), identificadas pelo número das perguntas do questionário e distribuídas nas áreas semânticas: a) acidentes geográficos, b)

fenômenos atmosféricos, c) tempo, d) flora, e) fauna, f) corpo humano, g) doenças mais comuns, h) funções do corpo humano, i) características físicas, j) ciclos da vida, k) religiões e crenças, l) vestuários e objetos de uso pessoal, m) brinquedos e diversões, n) sistema de pesos e medidas, o) superstições, simpatias e lendas. Neste estudo, selecionou-se a carta semântico-lexical QSL 00033.a.- estrela cadente (Oliveira, 2007, p.106) relativa aos fenômenos atmosféricos.

Estrela cadente: apresentação geral dos dados cartografados no ALMS

Tendo em vista os objetivos expostos para este estudo, buscamos inicialmente trazer as informações documentadas na carta semântico-lexical que compõe o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. A carta selecionada é a QSL 00033.a – estrela cadente (Oliveira, 2007, p. 106) que registra os nomes obtidos como resposta para a pergunta: “Nas noites estreladas, como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu?”

A partir da apresentação geral dos dados com o auxílio de figuras, quadros e tabelas, realizaremos uma subdivisão que considerará a produtividade das denominações registradas. De posse dessas informações, a análise diatópica será realizada com foco nas cinco respostas mais produtivas indicadas na carta do atlas estadual. O estudo desses dados terá como foco principal a distribuição diatópica das denominações em Mato Grosso do Sul bem como sua recorrência em outros estudos dialetais realizados no estado.

Segundo o Dicionário Aulete Digital (2006), o item lexical estrela cadente é definido como: “Visualização da entrada de um meteorito na atmosfera e que provoca incandescência ao se atritar com gases, mostrando-se como o traçado de um risco luminoso no céu noturno”. Logo, com base nessa informação e nas respostas documentadas pelo ALMS, será examinada as denominações mais frequentes que foram indicadas como resposta para esse fenômeno tendo em vista a variação diatópica.

Ao observar a carta QSL 00033.a (Oliveira, 2007, p. 106), nota-se que foram cartografadas 25 denominações. São elas: “*istrela cadentei*”, “*satélite*”, “*istrela guia*”, “*cadenti*”, “*cometa*”, “*istrela dalva*”, “*istrela darva*”, “*istrela, dalva*”, “*satélite*”, “*istrela companheira da lua*”, “*meteoru*”, “*istrela boaiadera*”, “*istrela qui tem rabu*”, “*planeta*”, “*istrela davi*”, “*darva*”, “*deus ti guia*”, “*istrela de rabu*”, “*patrela*”, “*deus ti acumpanhi*”, “*deus ti gui*”, “*estrela qui caminha*”, “*faisca*”, “*istrela da sorti*” e RNP (Respostas não produtivas).

Tendo em vista o elevado número de nomes indicados a partir da transcrição

grafemática, para fins de análise, neste estudo, foram realizados alguns agrupamentos que, em sua maioria, obedeceram a critérios lexicais, fonéticos, morfológicos e/ou por associação. No Quadro 2 pode se visualizar as denominações e respectivas formas agrupadas.

Quadro 2 – Agrupamento das formas semelhantes

Denominações	Formas agrupadas
Istrela cadenti	Cadenti
Satéliti	Satéli
Istrela guia	-----
Cometa	-----
Istrela dalva	Istrela darva, dalva, darva
Istrela	-----
Istrela companheira da lua	-----
Meteoru	-----
Istrela boiadera	-----
Istrela di rabu	Istrela qui teim rabu
Planeta	-----
Patrela	-----
Istrela davi	-----
Deus ti guia	Deus ti gui
Deus ti acumpanhi	-----
Istrela qui caminha	-----
Fáisca	-----
Istrela da sorti	-----

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

Utilizando o agrupamento das formas registradas no Quadro 02, produz-se a tabela 1 que contém as denominações, os percentuais obtidos para cada um dos itens cartografados no ALMS e o total de ocorrências de cada unidade lexical.

Tabela 1 – Quantitativo de ocorrências e percentual dos itens registrados

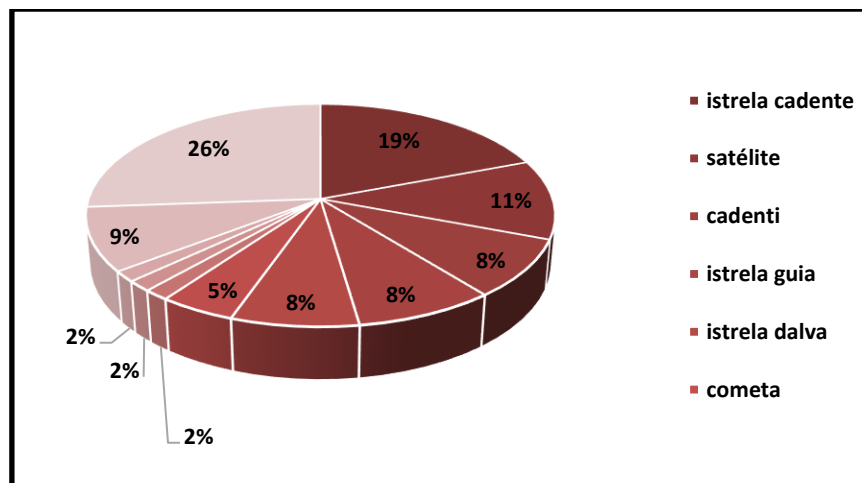
Denominação	Porcentagem	Total de ocorrências
Istrela cadenti	19,54%	25
Satéliti	11,73%	15
Cadenti	08,59%	11
Istrela guia	08,59%	11
Istrela dalva	07,81%	10
Cometa	04,69%	06
Istrela	01,57%	02
Istrela di rabu	01,57%	02
Deus ti guia	01,57%	02
Istrela companheira da lua	00,78%	01
Meteoru	00,78%	01
Istrela boiadera	00,78%	01
Planeta	00,78%	01
Patrela	00,78%	01
Istrela davi	00,78%	01
Deus ti gui	00,78%	01

Deus ti acompanhi	00,78%	01
Istrela qui caminha	00,78%	01
Faísca	00,78%	01
Istrela da sorti	00,78%	01
RNP	26,56%	34
Total	100%	128

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

Com a intenção de complementar as informações da Tabela 1, será inserido um gráfico que resume os percentuais obtidos para cada uma das denominações já agrupadas, distribuídas em produtivas, RNP⁸ e a junção das denominações com ocorrência única.

Gráfico 1 – Produtividade das denominações para “estrela cadente”



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

Após a compreensão dos agrupamentos realizados e a exposição dos dados gerais, organizam-se as ocorrências em três grupos para fins de análise diatópica. Assim, as ocorrências passam a ser organizadas como produtivas, pouco produtivas e ocorrências únicas de acordo com o Quadro 3.

⁸ Para fins de análise RNP foi entendida como respostas não produtivas visto que não há definição da sigla no Atlas. Sendo assim, ao analisarmos os dados e consultarmos a parte metodológica do Atlas Linguístico não há informação elucidando quais os motivos indicados para tais ausências. No entanto, a partir da análise dos dados podemos pontuar alguns possíveis fatores que poderiam influenciar nessa questão: a decorrência da não compreensão da pergunta por parte do informante, a ausência da realização da pergunta e o não fornecimento de resposta por parte do informante.

Quadro 3 – Denominações produtivas, pouco produtivas e ocorrências únicas

Produtiva	Pouco produtiva	Ocorrências únicas
istrela cadente satélite istrela guia cadenti istrela dalva	cometa istrela istrela de rabu deus ti guia	istrela companheira da lua, meteoru, estrela boiadera, planeta estrela davi, patrela, deus ti acumpanhi istrela qui caminha, fâisca, istrela da sorti

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

O Quadro 3 sintetiza as denominações obtidas, com o propósito de elucidar a produtividade dos itens lexicais. Para tal, os nomes foram divididos em três grupos: i) **produtivas**, cujas denominações registram número igual ou superior a 10 ocorrências; ii) **pouco produtivas** com quantitativo variável entre dois e nove registros e; iii) **ocorrências únicas** com apenas um registro. Além dos agrupamentos, realizou-se a padronização da grafia dos nomes conforme a norma culta da Língua Portuguesa.

No próximo tópico, passamos para o exame das denominações classificadas como produtivas, para fins de análise, foi realizado um exercício de visualização dos dados para cada uma das denominações, seguida da descrição de sua distribuição geográfica, indicando as regiões em que as variantes mais recorrentes são mencionadas.

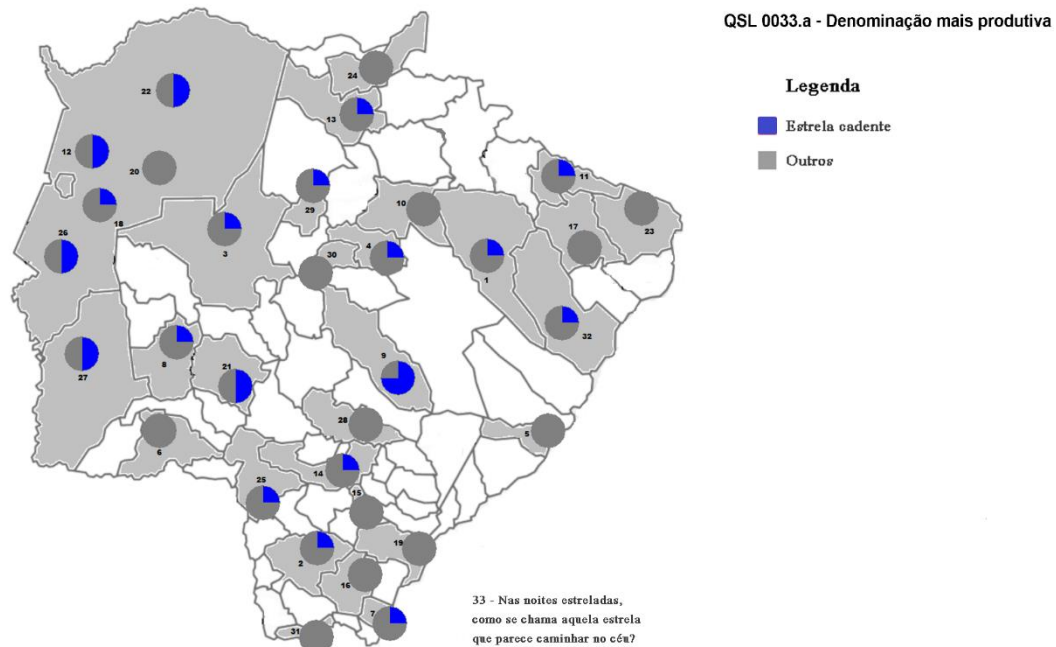
Distribuição geográfica: denominações produtivas

Neste tópico faz-se uma descrição sumária da distribuição diatópica das denominações de maior produtividade que nomeiam a “estrela cadente”. Na sequência, informa-se os pontos de inquérito nos quais tais formas foram registradas seguida por uma figura que permite a visualização da distribuição das ocorrências no estado. As figuras foram produzidas mediante a utilização do software SGVClín (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). Para a organização da figura foi realizada a adaptação de uma imagem relativa ao mapa do estado de Mato Grosso do Sul e indicado em cinza todos os pontos de inquérito do ALMS. Essa marcação em cinza foi realizada para auxiliar na identificação da rede de pontos do Atlas estadual em contraste com as demais localidades do estado (branco). Ademais, essas figuras tem como objetivo trazer uma melhor visualização da distribuição diatópica das denominações mais produtivas registradas, buscando indicar presença ou ausência dessas denominações em determinadas localidades de Mato Grosso do Sul.

Tendo como base as elucidaciones indicadas acima, a resposta mais produtiva indicada foi a variante *estrela cadente* que foi documentada em mais da metade dos pontos

selecionados pelo ALMS, ou seja, em 18 localidades em diferentes partes do Mato Grosso do Sul, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Localidades com ocorrência da denominação estrela cadente



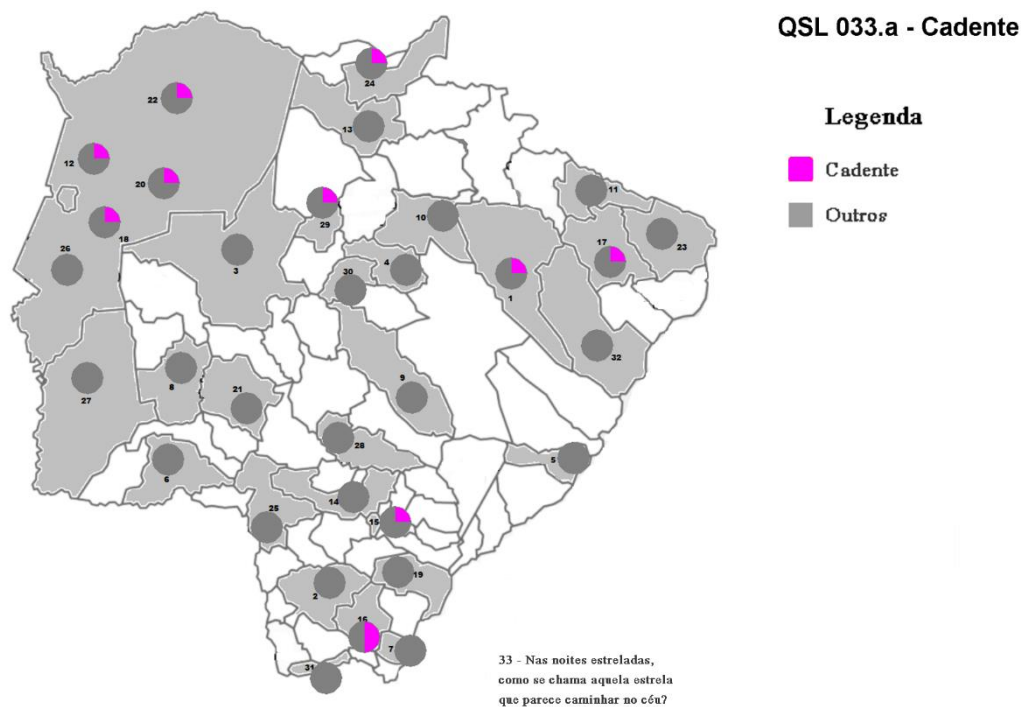
[SGVCLn]® - 2015

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

Na figura 1, nota-se que as ocorrências de *estrela cadente* recobrem quase todas as regiões do estado, com registros em localidades como Água Clara, Amambai, Aquidauana, Bandeirantes, Eldorado, Bonito, Campo Grande, Cassilândia, Corumbá, Coxim, Dourados, Pantanal do Nabileque, Nioaque, Ponta Porã, Porto Esperança, Porto Murtinho, Rio Negro e Três Lagoas.

Em segundo lugar, a denominação mais produtiva é *cadente*, mencionada em dez pontos de inquéritos, são eles: Água Clara, Corumbá, Fátima do Sul, Iguatemi, Inocência, Pantanal da Nhecolândia, Pantanal do Paiaguás, Porto Esperança, Pedro Gomes e Rio Negro. Esses registros podem ser visualizados na Figura 2:

Figura 2 – Localidades com ocorrência da denominação cadente



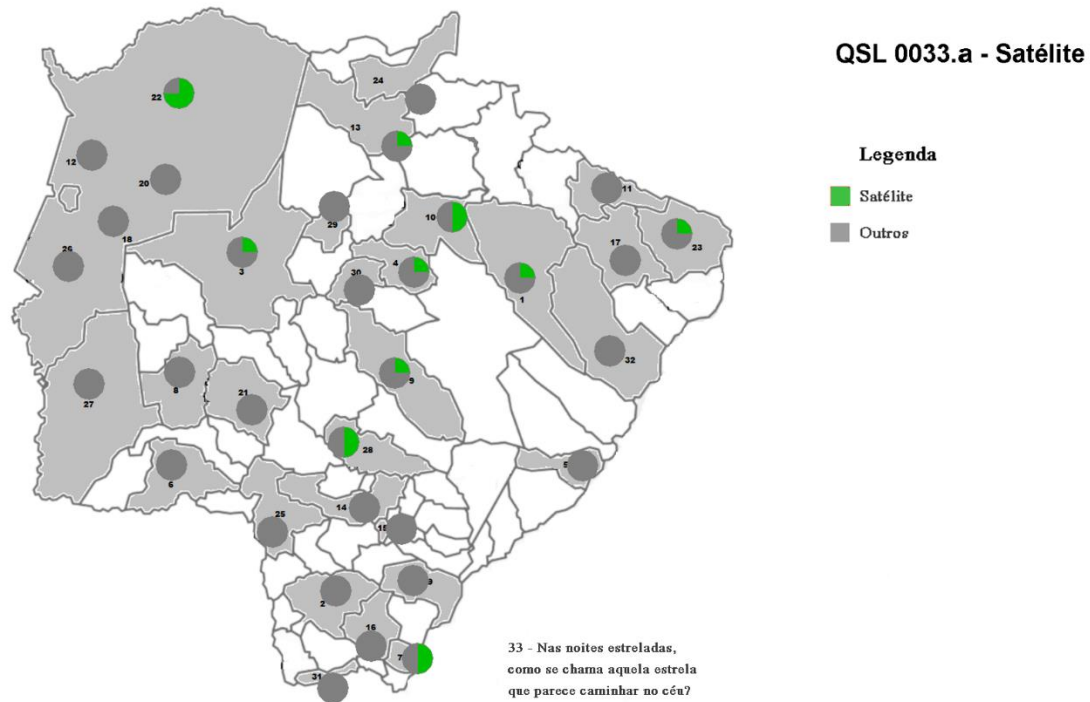
[SGVCLin]® - 2015

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

De acordo com a Figura 2, percebe-se que *cadente* tem registros predominantes na região norte do estado, sendo indicada apenas em dois pontos mais ao sul do estado (Fátima do Sul e Iguatemi). Consta-se também que suas ocorrências estão documentadas próximas às divisas estaduais, figurando em localidades como Pedro Gomes (MT) e Inocência (GO/MS) e também em regiões próximas aos limites internacionais em pontos como Pantanal dos Paiaguás, Pantanal da Nhecolândia e Corumbá (Paraguai e Bolívia).

Em seguida, temos a denominação *satélite*, registrada em 10 pontos de inquérito: Água Clara, Aquidauana, Bandeirantes, Eldorado, Campo Grande, Camapuã, Coxim, Pantanal dos Paiaguás, Paranaíba, Rio Brillhante. Verifique a Figura 3 com a indicação das localidades:

Figura 3 – Localidades com ocorrências da denominação satélite



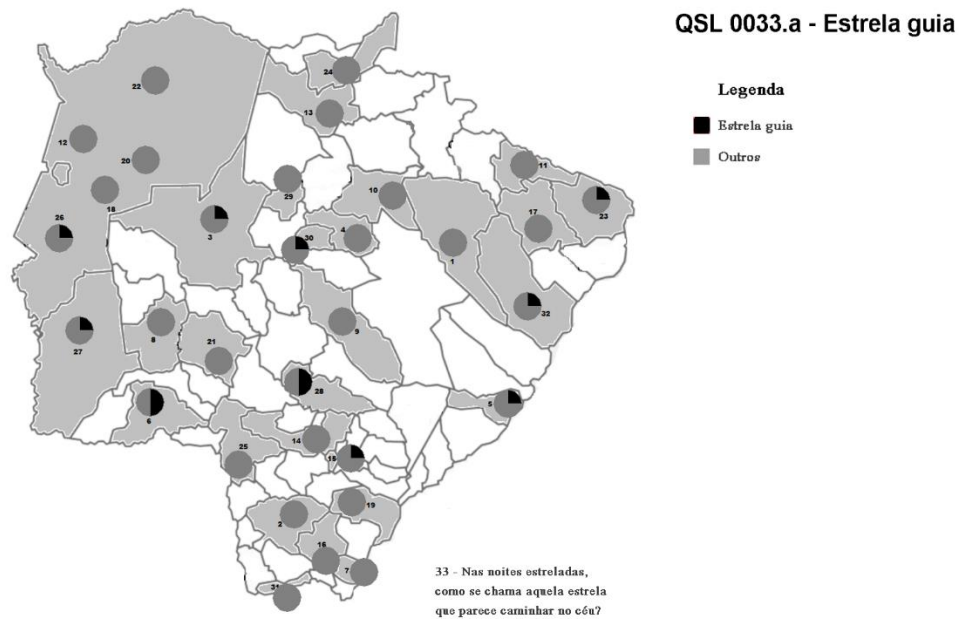
[SGVCLin]® - 2015

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

A partir da Figura 3, identifica-se que *satélite* foi mencionada predominantemente na região central do estado (Camapuã, Bandeirantes, Campo Grande, Aquidauana, Água Clara e Rio Brillhante) e também em algumas áreas limítrofes estaduais, como no município de Paranaíba que faz divisa com Minas Gerais e, em Eldorado, que está próximo a divisa do Paraná. Além disso, registra-se também a presença de *satélite* no Pantanal dos Paiaguás que é relativamente próximo a fronteira com a Bolívia.

Posteriormente, temos *estrela guia*, resposta registrada em 10 localidades, sendo elas: Aquidauana, Bataguassu, Bela Vista, Fátima do Sul, Paranaíba, Porto Esperança, Porto Murtinho, Rio Brillhante, Rochedo e Três Lagoas. Essas ocorrências podem ser vistas na Figura 4:

Figura 4 – Localidades com ocorrências da denominação estrela guia

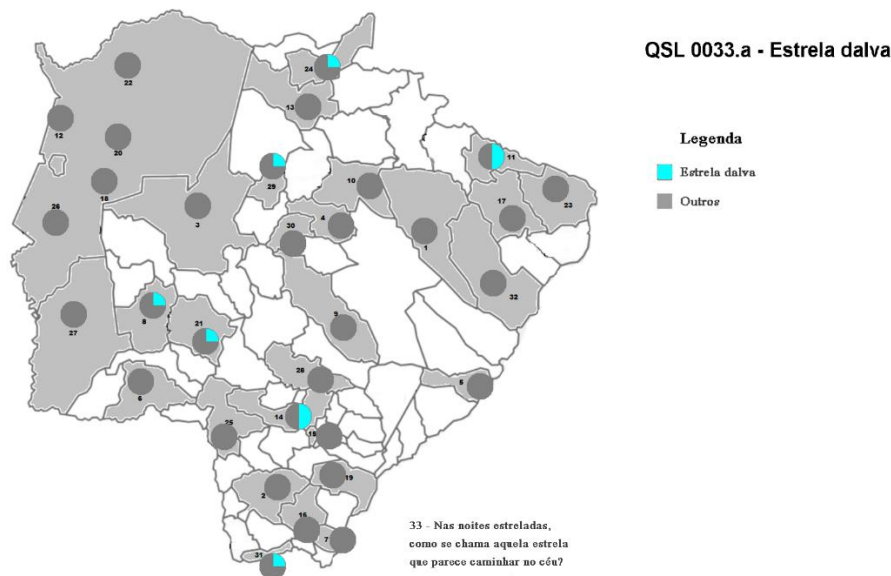


[SGVCLIn]® - 2015

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

Com base na Figura 4, pontua-se que a denominação *estrela guia* foi documentada em quatro pontos do estado: na região sudoeste (Rio Brillhante e Fátima do Sul); na divisa com o Paraguai (Porto Murtinho e Bela Vista); na região leste (Bataguassu, Paranaíba e Três Lagoas) e em duas localidades na região mais central do estado (Aquidauana e Rochedo).

Ainda entre as produtivas, temos a denominação *estrela Dalva* que foi indicada por informantes de diferentes regiões de Mato Grosso do Sul. Veja a Figura 5:

Figura 5 – Localidades com ocorrências da denominação estrela Dalva

[SGVCLin]6 - 2015

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)
A denominação *Estrela Dalva* foi registrada nas localidades de Bonito, Cassilândia, Dourados, Rio Negro, Pedro Gomes, Nioaque e Três Lagoas.

As formas agrupadas como estrela Dalva tiveram ocorrência em diferentes regiões do estado: no município de Cassilândia (divisa com o estado de Goiás), nas regiões próximas ao Pantanal (Bonito), na área central (Rio Negro) e ao sudoeste (Dourados).

Em síntese, as denominações *estrela cadente*, *satélite*, *cadente*, *estrela guia* e *estrela Dalva*, ou seja, as cinco denominações com maior número de ocorrências após o agrupamento, correspondem a um total de 85% das respostas consideradas (72 registros).⁹

Distribuição geográfica: Denominações pouco produtivas e ocorrências únicas

Ao verificarmos os registros de *cometa*, nota-se que a denominação foi mencionada em seis pontos de inquérito. São eles: Bela Vista, Naviraí, Paranaíba, Rio Negro, Sete Quedas e Três Lagoas.

Assim, constata-se que a denominação *cometa* possui ocorrências predominantemente localizadas nas divisas com os estados de São Paulo (Três Lagoas), Minas Gerais (Paranaíba), Paraná (Naviraí e Sete Quedas) e, também, na fronteira Brasil e Paraguai (Bela Vista). Por sua vez, *cometa* conta com apenas uma ocorrência na região

⁹ Neste cálculo foi desconsiderada as RNP.

central do estado (Rio Negro).

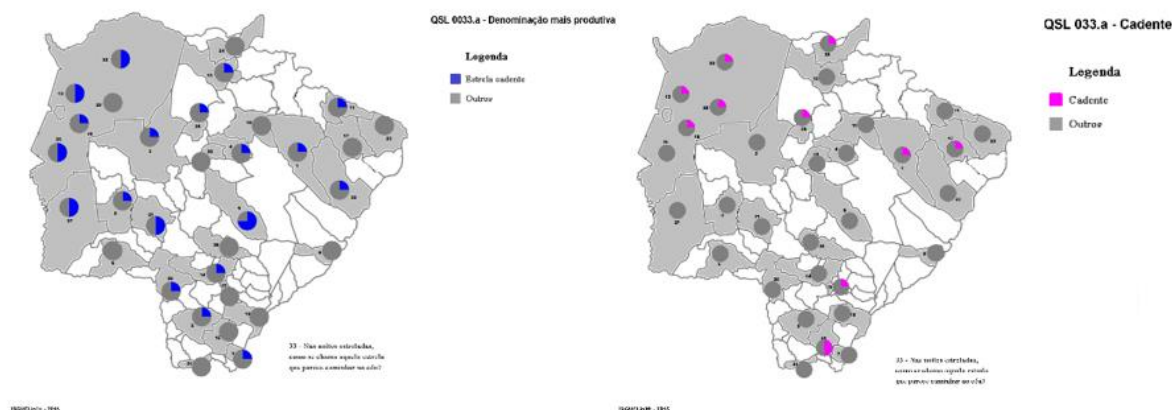
Além de *cometa*, ainda temos algumas denominações que tiveram dois registros. São elas: *istrela di rabu* documentada em Coxim e Amambai; *istrela* em Inocência e Bataguassu e *Deus ti guia* identificada em Corumbá e Fátima do Sul.

Como ocorrências únicas, indicaremos as localidades que registraram cada uma delas: “*Istrela companheira da lua*” e “*meteoru*” ocorreram na cidade de Bataguassu; “*istrela boiadera*” em Amambai; *planeta* em Eldorado e “*istrela davi*” em Bandeirantes. Em Coxim, a denominação “*patrela*” foi cartografada. Outro nome fornecido foi “*deus ti acumpanhi*” descrita por um morador da cidade de Eldorado; “*istrela qui caminha*” foi informada no Pantanal da Nhecolândia; “*faisca*” foi relatada em Sete Quedas e, por fim, “*istrela da sorti* no Pantanal do Nabileque.

Com base na indicação das localidades, pode-se concluir que as denominações com ocorrência única não são exclusivas de uma determinada localidade, pois foram fornecidas nas regiões sudoeste, leste, no centro do estado e nas áreas pantaneiras.

Reflexões sobre os dados e a comparabilidade entre trabalhos dialetais

Além das reflexões apresentadas anteriormente, foi realizada também uma sucinta análise comparativa das localidades que registraram a denominação “*estrela cadenti*”(azul) e “*cadenti*” (rosa) e, verificamos, que há um contraste entre ambas, pois “*cadenti*” aparece em quase todas as localidades em que não é mencionado “*estrela cadenti*”. Por sua vez, nos municípios de Corumbá, Rio Negro e Água Clara, há ocorrências de ambas as denominações para nomear o referente em questão. Confira, na figura 6, os registros das duas denominações em contraste:

Figura 6 – Localidades com ocorrências da denominação “estrela cadenti” e “cadenti”

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da carta QSL 0033.a do ALMS (Oliveira, 2007, p. 106)

A partir das figuras expostas foi possível visualizar com mais precisão as localidades em que as denominações obtidas foram mencionadas pelos informantes bem como a região em que as respostas tiveram predominância. Nota-se que Mato Grosso do Sul, mesmo sendo um estado com uma população relativamente pequena (2.757.013 pessoas) forneceu um número considerável de denominações no ato de nomear o referente¹⁰.

Com base nas figuras que buscaram apresentar a distribuição geográfica das ocorrências relativas à estrela cadente no Mato Grosso do Sul, propõe-se, na continuação, um quadro que traz os dados indicados como resposta para o referente em outros estudos dialetais produzidos em Mato Grosso do Sul em contraste aos dados cartografados no ALMS. Para tanto, recorre-se as cartas lexicais produzidas em dois trabalhos, respectivamente o Atlas Linguístico de Ponta Porã -ALiPP (Reis, 2007) e o Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário – ALiCoLa (Alencar, 2013)¹¹. Na sequência, elencaremos alguns aspectos metodológicos dos respectivos trabalhos para posteriormente cotejar os dados.

O Atlas Linguístico de Ponta Porã (Reis, 2007) possui uma rede de pontos formada por oito localidades pertencentes ao município de Ponta Porã, na fronteira com o Paraguai. A pesquisa contou com 18 informantes, distribuídos entre o sexo masculino e feminino, com idades entre 45 e 70 anos. Quanto à escolaridade deveriam ser analfabetos ou ter cursado no máximo o Fundamental I. Além disso, deveriam ser bilíngues. Como resultado dos trabalhos, o atlas foi composto por 234 cartas, sendo 2 introdutórias e 232 cartas lexicais.

¹⁰ Ressalta-se que poderia ter sido realizado um agrupamento com maior número de formas para este estudo, porém, optou-se por não fazê-lo devido ao fato de que não se teve acesso aos áudios originais dos inquiridos, o que dificulta a compreensão dos contextos em que a resposta foi fornecida e a sua consequente validação.

¹¹ Os dois trabalhos foram desenvolvidos como Dissertação de Mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo.

O Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (Alencar, 2013) possui 5 pontos de inquéritos divididos em duas sedes de município (Corumbá e Ladário) e três distritos (Albuquerque, Porto Esperança, Forte Coimbra). As localidades foram selecionadas por estarem geograficamente próximas as vias de acesso à região em diferentes épocas, portanto, os pontos de inquérito estavam situados nas imediações do Rio Paraguai e/ou da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A pesquisa contou com 20 informantes, distribuídos igualmente entre o sexo masculino e feminino e em duas faixas etárias (I: 18-30 e II: 50-65 anos). Quanto à escolaridade deveriam ser analfabetos ou cursado no máximo o Fundamental II. Além disso, deveriam ser nascidos e criados na região linguística. O atlas foi composto por 243 cartas, sendo 4 introdutórias e 239 cartas lexicais.

Tendo em vista o apanhado de cartas produzidas nos atlas citados, foram selecionadas as cartas 18a- estrela cadente do Atlas Linguístico de Ponta Porã (Reis, 2007, p. 211) e a carta 034 – estrela cadente do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (Alencar, 2013, p. 256) para verificação das denominações registradas em cada um desses trabalhos dialetais. O quadro 5 traz a documentação dessas formas:

Quadro 5 – Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos

Trabalhos/atlas	Estrela cadente	cadente	satélite	Estrela guia	Estrela Dalva
Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007)	x	x	x	x	x
Atlas Linguístico de Ponta Porã (Reis, 2007)	x	--	x		
Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (Alencar, 2013)	x				

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos atlas linguísticos citados.

Ao observar o quadro 5, nota-se que as denominações registradas, em sua maioria, se repetem. Ao visualizar as cartas citadas, pontua-se que no Atlas Linguístico de Ponta Porã-ALiPP, a denominação mais produtiva é *cometa* seguida de *satélite* e *estrela cadente* enquanto no Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário-ALiCoLa, as respostas mais produtivas foram *estrela cadente*, *satélite* e *cometa*. Considerando esse aspecto, constata-se que os dois atlas de pequeno domínio registraram as mesmas denominações como mais produtivas e que ambos aparentam ter realizado um agrupamento com as respostas *cadente* e *estrela cadente*. Ainda cabe informar que no ALiPP, *estrela guia* e *asteróide* foram indicadas como ocorrências únicas e, no ALiCoLa, apenas *meteoro* configurou-se como ocorrência única. Por fim, conclui-se que, em sua maioria, os nomes indicados no Atlas

Linguístico de Mato Grosso do Sul são também indicados nos atlas de menor domínio, o que reforça a perspectiva de que os atlas de grande domínio não excluem os de pequeno domínio e, também, a afirmação de Silva e Romano (2022, p. 23) ao indicar que “[...] os atlas de pequeno domínio funcionam como um tipo de *zoom* para as realidades maiores e são importantes instrumentos na análise e na interpretação de nuances dialetais de um território”

Portanto, ao examinar as denominações registradas neste estudo, ressalta-se a importância de realizar comparações entre os dados obtidos em diferentes trabalhos dialetais visto que o estudo ao permitir a comparabilidade de informações traz ao estudioso a oportunidade de um olhar mais amplo das ocorrências em determinadas áreas, a confirmação da documentação das formas em diferentes fontes bem como uma possível delimitação de expansão ou apagamento de determinadas variantes. Ações essas que contribuem sobremaneira para a descrição e o conhecimento da língua falada.

Considerações Finais

Tendo em vista o estudo proposto, nota-se que o processo de nomear o fenômeno analisado neste estudo com base no ALMS documentou um número de 25 denominações. Desse total, seis denominações foram consideradas mais produtivas, são elas: “istrela cadenti”, “satélite”, “istrela guia”, “cadenti”, “cometa” e “istrela dalva”. De forma geral, observou-se que a pergunta foi bastante produtiva e obteve registro de ao menos uma denominação (produtiva ou não) para cada ponto de inquérito. Por sua vez, adverte-se para a importância dos agrupamentos, como propostos neste estudo, para fins de análise e também para uma melhor visualização no que se refere a distribuição diatópica das denominações.

Ainda neste estudo, observou-se certa discrepância nas quantidades de respostas produtivas, únicas e não produtivas para o fenômeno investigado. Essa perspectiva se fundamenta no registro de um total de 12 nomes atribuídos como resposta para a pergunta como ocorrências únicas e, em um número de 34 RNP que, conforme já mencionado, pode estar relacionada a fatores linguísticos e não linguísticos.

Neste sentido, salientamos aqui a relevância da retomada dos estudos junto aos dados originais que culminaram no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, pois ao acessá-los, muito provavelmente, essas questões poderiam ser elucidadas, detalhadas e discutidas considerando as atualizações da área e/ou princípios contemporâneos da Dialectologia e da Geolinguística.

Por fim, conclui-se que a elaboração de figuras com distribuição diatópica das

respostas proporcionou a disposição visual mais objetiva sobre as localidades em que a denominação foi registrada, permitindo visualizar com maior precisão as regiões de registro de cada variante.

Para contextualizar e aprofundar o estudo, os dados foram comparados com os registrados em dois atlas de pequeno domínio: o Atlas Linguístico de Ponta Porã – ALiPP (Reis, 2007) e o Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário – ALiCoLa (Alencar, 2013). Essa comparação revelou significativa consonância, com as mesmas denominações mais produtivas aparecendo em ambos os estudos, ainda que em ordens distintas (no ALiPP, “cometa” e “satélite” figurando como mais produtivas enquanto no ALiCoLa, “estrela cadente” e “satélite” foram as principais). A documentação dessas denominações nos atlas citados, reafirmam a importância desses trabalhos para a interpretação dos fenômenos linguísticos e suas características de complementaridade na descrição do dado linguístico.

Portanto, nota-se que o ato de nomear revela não só aspectos descritivos, mas também características histórico-culturais. No caso do Mato Grosso do Sul, é necessário considerar o contato com áreas fronteiriças, com as populações indígenas, com a lida do gado e também com outras características oriundas da cultura de um povo marcado pela migração, na quais resultam em uma diversidade lexical riquíssima.

Nesse sentido, o ato de nomear também reflete a diversidade que compõe a cultura local, transcendendo a mera designação para se tornar um vestígio da rica interação histórica entre os povos que aqui se fixaram, colaborando assim para a descrição e o conhecimento da língua falada no país e sua heterogeneidade cultural.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. *Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, 2013. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiomas>. Acesso em: 17 nov. 2025.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas Linguístico do Paraná, Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. Atlas

Lingüístico da Paraíba. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: . Acesso em: 20 maio 2025.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A Geografia Linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Geolinguística: Tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Atlas Lingüístico de Sergipe II. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. México. Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

DEEPSEEK. *DeepSeek AI Assistant*. Ajustes de coesão, coerência e pontuação no texto. Versão 2025. Disponível em: <https://www.deepseek.com>. Acesso em: 16 nov 2025.

FERREIRA, Carlota. et al. Atlas lingüístico de Sergipe. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

MOUTON, Pilar García. Dialectologia e Geografia Linguística. In: ALVAR, Manuel. Manual de Dialectologia Hispánica. El español de España. Barcelona, Editorial Ariel, 2009.

NOGUEIRA, Albana Xavier; ISQUERDO, Aparecida Negri. *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul: gênese e trajetória*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Rio de Janeiro: Eduel, 2005. p. 149–172.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271 p.

RIBEIRO, Silvana R.C.; TELES, Ana Regina. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: Documentos 2: MOTA, Jacyra Andrade. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

REIS, Regiane Coelho Pereira. Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã -MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. 2006. 3v. Dissertação

(Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2006.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, UEL, v. 13, 2013, p. 203- 242.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte; OLIVEIRA, Nathan. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28587>. Acesso em: 16 nov 2025.

_____. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papéis*, UFMS, v. 18, 2014.

ROSSI, Nelson. Atlas Prévio dos Falares Baianos. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, Mércia Cristina dos. Entre picadas e trilhas nas regiões Norte e Sul do Brasil: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Revista Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, n.1, p. 498-522, 2019.

SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. O Atlas Linguístico do Brasil e os Atlas de Pequeno Domínio: complementações e propósitos. In: *Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SILVA NETO, Serafim da. Guia para estudos Dialectológicos . Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). *Localização*. Campo Grande: UFMS, 2025. Disponível em: <https://www.ufms.br/universidade/localizacao/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

ZÁGARI, José Mário; MOURA, Maria do Carmo de; SILVA, Antônio Carlos da. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1977, 135p.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA: Beatriz Aparecida Alencar e Julia Stéfane Rorigues Tosta Valente Oliveira

As autoras envolvidas contribuíram para a elaboração do manuscrito de modo colaborativo. rabalharam conjuntamente no levantamento de dados, análise da carta em questão, disposição visual dos dados, na redação do artigo, produção de quadros, tabelas e gráficos. Além disso, todo o texto passou por leituras coletivas para validações e ajustes de conteúdo e forma.

Sendo assim, cada um dos autores esteve atrelado as atividades, conforme a taxonomia CRediT:

- Redação – rascunho original
- Escrita – revisão e edição

CONFLITO DE INTERESSE: As autores declaram que não possuem interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DOS DADOS DA PESQUISA: Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul- ALMS (OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271p.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.